

O PENSAMENTO CAPITALISTA EM ROBINSON CRUSOE

Álvaro Luiz Heidrich¹

*O discurso que se anunciava com intenção ideológica e ares de renovação moral, no início do século XVIII, pode ser relacionado ao desenvolvimento do capitalismo.
O novo modo de produção já aparecia com vigor nesse momento, mas necessitava ainda fortalecer uma outra forma de pensar e de viver para expandir sua influência.
Robinson Crusoe, romance do escritor inglês Daniel Defoe, parece ter exercido esta função.*

I

O criador de Robinson Crusoe pertence a uma época em que começavam a ficar nítidas as impressões do mundo moderno². É no final do século XVII que surge a primeira obra filosófica contra o absolutismo - *Segundo tratado sobre o governo civil*, de John Locke³. Na Inglaterra, a "Bill of Rights", de 1689, estatuiu como de competência do parlamento, o lançamento de impostos, as eleições, as questões de justiça. Segundo Mousnier (1960, p.310),

a revolução de 1688 representa o triunfo da burguesia capitalista, dos mercadores da City de Londres, dos gentis-homens do campo aburguesados pelo capitalismo agrícola. Praticamente, a Revolução correspondia ao triunfo da teoria do contrato entre o Rei e a Nação.

Paul Van Tieghen (1951, p.31 O) afirma que é por estar familiarizado com uma sociedade mais diversificada como a de Londres que Daniel Defoe não carrega nenhum escrúpulo literário ou moral próprio da época, o que mantém seus romances numa categoria à parte. Mas, com Robinson Crusoe⁴, Defoe será reconhecido também no continente e citado por inúmeros filósofos, desde Rousseau até Goethe. A sua carreira inicia, entretanto, na imprensa jornalística inaugurada em 1695, a partir do modelo do continente. Há uma enorme produção sob seu nome, chegando a centenas de escritos que tratam dos mais variados assuntos, desde economia e política, até viagens. Politicamente, ora esteve ao lado dos Whigs, ora ao lado dos Tories⁵, o que vai, inclusive, levá-lo à prisão.

Para Prampolini (1950, p.461), a literatura inglesa do primeiro decênio do século XVIII, com Steele e Addison, inclui também Defoe entre os "escritores burgueses que com louros operaram a fisionomia da nova classe a qual buscava lugar frente a nobreza."

II

¹ Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Há controvérsias sobre a data do nascimento de Daniel Defoe. Alguns autores indicam 1660, outros 1661; faleceu em 1731 e, de 1719 a 1726, publicou seus dez romances.

³ Do ponto de vista de que a época moderna constitui-se na passagem do feudalismo ao capitalismo, deve-se então creditar o mérito das obras de Maquiavel (1513) e Hobbes (1651) que, fortalecendo o absolutismo, o Príncipe e o Leviatã, auxiliavam o desaparecimento da descentralização feudal.

⁴ Na verdade são três obras sobre a mesma aventura; a primeira, publicada em 1719, foi *Vida e aventuras pasmosas, surpreendentes do marinheiro Robinson Crusoe*, de Iorque (The life and strange surprising adventures of Robinson Crusoe, of York, mariner); a segunda, divulgada no mesmo ano, *Ulteriores aventuras de Robinson Crusoe* (The Farther adventures of Robinson Crusoe); e, por fim, em 1720, *Reflexões graves de Robinson Crusoe* (The serious reflections during the life of Robinson Crusoe).

⁵ Com a restauração do trono dos Stuart e as "Bills", surgiram os Tories, partidários das prerrogativas dos reis, e os Whigs, adeptos da monarquia, desde que limitada pelo Parlamento.

O sucesso de Robinson Crusoe será repetido em muitos países, o que fará das famosas robinsonadas o veículo apropriado à divulgação de idéias contidas na aventura, como a necessidade de uma lei moral, a justificativa da organização civil, etc. Mas, nenhuma delas superou a narrativa de Defoe, em vista de que "em grande parte imaginária ganhou o colorido da realidade mais comum (...), pelo estilo simples, literário ao mínimo", no dizer de Prampolini (1950, p.457). Na famosa introdução não publicada à "Crítica da economia política", Marx (1987, p. 3) diz que

(...) de modo algum - como se afiguram aos historiadores da civilização -, (as robinsonadas não expressam) uma simples reação contra os excessos de requinte e um retorno mal compreendido a uma vida natural. (...) Esta é uma aparência puramente estética, das pequenas e grandes robinsonadas. Trata-se, ao contrário, de uma antecipação da "sociedade" (bürgerlichen Gesellschaft), que se preparava desde o século XVI, e no século XVIII deu larguíssimos passos em direção a sua maturidade.

Já é clássica a versão de que tais robinsonadas representam a ascensão do individualismo na sociedade moderna, significando primeiramente o rompimento com a tradição do passado e a afirmação do indivíduo como responsável pela determinação de seus papéis econômico, político, social e religioso, conforme assinala Ian Watt (1990, p.55-83). Voltando a Marx, (1987, p. 4), este já observa que

(...) a época que produz esse ponto de vista, o do indivíduo isolado, é precisamente aquela na qual as relações sociais (e, deste ponto de vista, gerais) alcançam o mais alto grau de desenvolvimento. O homem é no sentido mais literal, um *zoon politikon*, não são animal social, mas animal que pode isolar-se em sociedade.

É preciso, por isso, afastar-se da pura aparência estética e considerar os fatos no plano da representação e do simbolismo, pois, de igual modo que as obras filosóficas, especialmente naquele período a literatura exercia o papel de justificação e propagação de idéias, dado que o jornalismo era ainda muito recente para servir como eficiente veículo de propaganda ideológica.⁶

III

O romance compõe-se uma trajetória⁷ de significativos componentes que acompanham a aventura, iniciando pelo ímpeto do personagem pela partida, até o seu triunfo; o texto permite ir além da análise já consagrada da preponderância do individualismo e demonstrar como a sociedade capitalista se afirma.

O ponto de partida da aventura do herói ocorre com a negação de sua estabilidade social e financeira, não aceitando a proteção que o seu pai lhe oferece. Este, ao saber de sua vontade de vagar pelo mundo, chama-o e oferece-lhe a proteção do lar, afirmando-lhe que

a classe média (...) era menos afligida pelos desastres e não estava exposta a tantas vicissitudes (...), que o nível médio permitia usufruir todas as virtudes e prazeres; que a paz e a fartura eram as serviçais da pequena fortuna; que a temperança, a moderação, a tranquilidade, a saúde, o convívio social, todas as direções agradáveis, todos os prazeres recomendáveis eram as bênçãos que aguardavam a vida mediana (p. 19).

Ao contrário do que ocorria com as classes superiores e inferiores. Logo, ao não aceitar os conselhos do pai, Robinson rende-se ao seu ímpeto de vagar pelo mundo, o que significa a

⁶ Segundo Benedict Anderson, *Nação e consciência nacional*, 1989, p. 62-66, é o capitalismo editorial que tomou possível, também, o surgimento da consciência nacional.

⁷ Nessa trajetória não está sendo considerada a última parte, constante nas *Serious reflections of Robinson Crusoe*. Conforme Watt, tais reflexões constituem uma variada compilação de textos religiosos, morais e traumatúrgicos que, no conjunto, não podem ser levados a sério.

rejeição da vida estável que o aguardava e do convívio social de seu meio. Ao mesmo tempo que contrariava-se com a estabilidade e o reconhecimento social vislumbrado, vê-se como um descobridor potencial. Admite que o mundo está à disposição para ser dominado e desse modo distancia-se dos valores sociais daquele momento histórico, da mesma forma que a própria Inglaterra se debatia durante o século XVII, entre a superação do poder territorial e o tradicionalismo local.⁸ Com efeito, a época moderna foi pródiga na mistura específica das transições, dos valores da tradição passada, oriunda do feudalismo e aqueles que chegavam junto com o mercantilismo e a fábrica. Robinson, portanto, antecipa no plano individual o fenômeno que século e meio adiante será responsável pela consolidação das mudanças. Eric Hobsbawm (1977, p.156) diz, nesse sentido, que "O desenraizamento dos povos, que é talvez o mais importante fenômeno do século XIX, destruiria este profundo e antigo tradicionalismo local."⁸

A oposição ao tradicionalismo que se assentava como força social na Igreja, na família, no rei e em toda simbologia do poder territorial, foi a autonomia do indivíduo, conforme mostra Watt (1990, p.55).

O momento significativo que segue no romance é conseqüência da busca da aventura: o risco e o enfrentamento das adversidades, que se retrata desde as tormentas que o assolam durante a viagem, a sua captura pelo pirata mouro, sua escravidão, até as oportunidades que surgem ao personagem - que o mesmo identifica como *providência* -, de benefício e salvamento. De tal roteiro depreende-se especialmente três aspectos que chamam a atenção para a análise que se coloca aqui: o livre-arbítrio, a reflexão sobre princípios morais e uma espécie de racionalismo contábil, que se revela especialmente nas vantagens financeiras que vai obtendo ao longo de suas jornadas.

A sua partida é uma clara defesa do livre-arbítrio:

Só fugi quase um ano mais tarde, embora, nesse ínterim, me mantivesse obstinadamente surdo a todas as propostas para começar a trabalhar e freqüentemente discutisse com meus pais (...). Resolvi não consultar mais meus pais e nem mesmo avisá-los (...), sem qualquer consideração por circunstâncias e conseqüências (p. 20).

É significativo que, para o período, a defesa do livre-arbítrio necessitasse do rompimento com a ordem pregressa, mesmo que representasse o risco de não ter nenhum apoio, nem mesmo, ou principalmente, o financeiro. Assim, assume-se como indivíduo independente que busca o progresso pelas próprias mãos, independentemente de um sistema social. Os setores capitalistas, que apoiavam o parlamento também só triunfaram com Oliver Cromwell através de uma ruptura com a coroa, na chamada Revolução Puritana (1642-1649). Mesmo após a restauração dos Stuart, em 1688, ocorre o triunfo da burguesia capitalista, pois, como diz Bourde (1961, p. 56), "o Rei de direito divino, excluído, foi substituído por um soberano de consentimento nacional." Daí para diante, a começar pela Inglaterra, e mais tarde no continente, o Estado absolutista vai sendo substituído pelo indivíduo absoluto, senhor de si, livre para buscar o seu progresso.

Robinson encontra-se freqüentemente em duas situações, que muitas vezes são conflitantes: de um lado faz contínuas reflexões morais e, com o tempo, religiosas; de outro, a sua prudência leva-o a optar por atitudes que resultem em vantagens econômicas. Essa situação revela-se claramente quando o capitão português propõe-lhe a compra de seu criado Xuri:

Não que repelisse a idéia de entregá-lo ao capitão, mas me repugnava vender a liberdade do pobre pequeno, que tão fielmente me ajudara a reconquistar a minha (p. 37).

Porém, opta em seguida pela venda, desde que o capitão liberte o criado em dez anos,

⁸ A data de sua partida é claramente especificada como 12 de setembro de 1651. É significativa, por exemplo, a coincidência da publicação, nesse ano, do *Leviatã* de Thomas Hobbes, obra em que o filósofo defende a formação de um Estado eclesiástico e civil que, em síntese, estava ao lado do absolutismo, pois, como diz Jean-Jacques Rousseau: "Os poderosos, os sagazes, depois de terem odiado em público o autor do *Leviatã*, liam-no assiduamente no segredo do gabinete, para nele encontrarem a justificação racional do poder absoluto. E alimentavam-se com a doutrina do vigoroso espírito; desde o *De Cive*, quiseram mostrar aos súditos dos soberanos os atalhos e as 'rotas obscuras' da sedição, em face do claro e 'grande caminho da paz', - assegurada pela submissão à autoridade" (*As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*, 1986, p. 81-82).

se o mesmo se tornasse cristão. Desse modo, obtém a vantagem econômica das sessenta moedas e tranqüiliza sua consciência moral. Segundo Watt (1990, p. 61), Robinson não possui laços sentimentais que o unam à pátria ou à família, mas sim a pessoas com as quais possa fazer bons negócios: "o lucro é a sua vocação e o mundo inteiro, seu território." Não foi assim com o seu próprio país? Nesse mesmo sentido, apresenta uma outra reflexão quando lhe surge a oportunidade de realizar uma expedição de "negócios" para ir à África trazer escravos⁹ ao Brasil. De um lado, apresenta o argumento de que "estava chegando àquele nível médio ou, superior da classe baixa, que meu pai recomendava antes" e que "o mau uso da prosperidade é, muitas vezes, o instrumento de nossas adversidades" (p. 39-40). Por outro lado, diz: "nasci, entretanto, para meu próprio destruidor, e não pude resistir à oferta" (p.42). Desse modo, seu espírito aventureiro, que nessa passagem é sintetizado pela busca da vantagem econômica, já tinha atingido aquele estágio que lhe proporcionavam o bem estar necessário e uma vida tranqüila.

Como o naufrágio e isolamento na ilha deserta, tais conflitos permanecerão, acrescidos de outras representações, das quais a fundamental constitui-se no confronto entre o estado natural e o social civilizado. Assim que Crusoe vê-se isolado, Defoe desenvolve a narrativa do personagem no estado natural, embora com o recurso dos objetos da civilização, que obtém do resgate de dois naufrágios. Gradativamente Crusoe supera a condição inicial em que, como ele próprio diria, a providência o colocou, mesmo que se mantenha isolado por grande período. A síntese desse processo é expressada pelo personagem da seguinte forma: "qualquer um pode realizar um trabalho se tiver instrumentos para isso" (p. 58).

É significativo, visto que coincidente, o fato de que filósofos da época moderna tenham feito observações sobre o homem em estado natural para, então, objetar sobre suas condições, principalmente sociais e políticas, bem como econômicas, em convívio social organizado, por necessidade e por consequência. Hobbes, Locke e Rousseau, por exemplo, adotam esse procedimento. Embora Hobbes, como vimos acima, justifique por fim a necessidade da autoridade tradicional, os dois últimos caminham na direção do governo civil e do contrato social. Locke, que é contemporâneo de Daniel Defoe, parte do estado natural para demonstrar que o homem se vê obrigado, como única alternativa possível, ao entendimento e ao exercício da política, como forma de superar as divergências entre os indivíduos. Para ele, o parlamento tem a condição de poder supremo, não podendo "ser arrebatado daqueles a quem uma vez foi entregue", consensualmente pela sociedade civil (Chevallier, 1986, p. 105). Chega a essa construção baseando seu sistema político na irrevogabilidade dos direitos individuais e em oposição aos direitos tradicionais, portanto, em oposição a Hobbes. Para John Locke, a propriedade é um direito natural e consequência do trabalho, assim, para evitar a ameaça ao gozo da propriedade, das liberdades e da igualdade, o homem obriga-se a abandonar o estado natural e criar a sociedade política, do pacto social.

Robinson Crusoe retrata, ilustra e exemplifica o pensamento lockeano. Encontra-se em estado natural e, na contingência de produzir sua sobrevivência, seu trabalho vai expandindo suas posses até sentir-se dono da ilha inteira:

(...) tudo aquilo era meu, que era rei e senhor incontestável dessa terra, com direitos inalienáveis de posse. Se a conseguisse legitimar publicamente, poderia transmiti-la por herança tal como um feudo de um lorde inglês (p. 76).

Esse raciocínio completa-se com outras passagens que discernem a situação de Robinson em relação a outros personagens - os selvagens. Para ele, a caça não consistia em trabalho: "por vezes, mudava as horas destinadas à caça e ao trabalho, trabalhando pela manhã e caçando à tarde" (p. 86). Encontra cabras na ilha e as domestica, estabelecendo-se uma nítida diferença com a situação inicial. Vai, dessa forma, estendendo seus domínios, assim como a sua produção agrícola. Mesmo quando faz a coleta de uvas, transforma-as em passas. Muito pouco do que consome é simplesmente extraído do meio natural. Quando transformado, o objeto já não

⁹ Frequentemente o tema da escravidão surge como elemento que compõe a realidade *ultramarina*. tanto em relação a Xuri como a Sexta-Feira, entre outras situações; o escravo - criado é o termo utilizado no romance -, aceita a condição como uma melhoria de sua vida, reconhecendo a civilização como forma superior de reprodução social. Não é à toa que tais populações façam-se presentes no romance como selvagens, comedores de carne humana.

pertence à natureza. Para ir além, a evidência do fato se confirma no confronto com a antropofagia dos indígenas.

Em várias situações, seja quando deixa as terras do Brasil para seus vizinhos administrarem, seja quando procede à colonização de sua ilha, o contrato está presente, a forma possível de relação entre os indivíduos, como uma espécie de salvaguarda, dado que se apóia em leis civis e não mais na subserviência a soberanos.

Quanto a Jean-Jacques Rousseau, é considerado como seguidor do pensamento expressado por Daniel Defoe, especialmente com Robinson Crusoe. Embora anti, individualista, Rousseau vai aperfeiçoar a idéia do contrato social e do poder como resultante de uma vontade geral, da ordem alcançada consensualmente (1987, p.8).

A superação do estado natural vai-se dando gradativamente através da conquista e da dominação dos elementos da natureza, pelo trabalho e pelo conhecimento técnico e cultural. A civilização é ressaltada quando, na falta de instrumentos de trabalho, Robinson Crusoe vai fabricando substitutos, com paciência e dedicação. Mesmo estando isolado, Crusoe elabora um calendário; domina o tempo cronológico e adapta-se ao climático. Seu domínio vai sendo consolidado, permitindo-lhe tempo para explorações e, mesmo, produções artesanais, a partir da contínua acumulação e produção de excedentes que realizava e, mais adiante, com o trabalho do criado Sexta-Feira. Robinson faz a elegia ao trabalho - que possibilitou esse resultado -, demonstrando que é a fonte de seu prazer. Os únicos momentos de lazer são os de introspecção e reflexão moral. Fala o personagem: "a ociosidade é o que a vida tem de mais apazível. E pensava que havia empregado melhor minhas energias ao gastar vinte e seis dias na construção de uma mesa de pinho" (p. 190).

A dominação do meio natural permite ao personagem de Defoe realizar a negação do estado natural, que ele completa através de uma regeneração, através dos princípios morais que vai encontrando em seus autoexames. Esse último aspecto não deixa de ser contraditório, uma vez que é com a solidão e a observação atenta, do tipo contemplação da natureza, que Robinson inicia o seu processo de encontro com Deus. Nesse encontro Deus está carregado de civilização. Robinson apóia-se mentalmente nisso e, ao contrário de tomar-se selvagem, o que seria mesmo uma possibilidade, estende as ações da civilização para o meio em que se encontra. Seguramente, ele não é um eremita. Segundo Max Weber (1979, p.125),

(...) o isolamento interior do homem explica, por um lado, a atitude negativa do puritanismo frente aos elementos sensíveis e sentimentais da cultura e a religiosidade subjetiva (...) e sua radical separação da civilização material é, por outro lado, uma das raízes do individualismo desiludido e pessimista.

Crusoe, como produto de sua civilização, expressa todo o sentimento religioso dominante na Inglaterra daquele período. Seu protestantismo está impregnado nas suas atitudes e pensamentos, por exemplo, quanto ao pavor do ócio, à negação dos prazeres, à contrariedade à ostentação, etc. O puritanismo justifica tanto a sua partida - pelo seu descrédito para com a civilização -, como também o seu triunfo, posto que ele se regenera pelas suas atitudes, principalmente pela dedicação ao trabalho. Sua ilha fica impregnada de elementos que demonstram ser resultado de intenso esforço e dedicação e a isto se opõe não somente o mundo natural, mas o selvagem, por basear-se na caça e coleta, o que Crusoe não considera como trabalho. No momento que ele consegue civilizar, tanto no sentido da técnica de trabalho, como no da catequese, atinge o seu triunfo: ao mesmo tempo que ele se regenera ao encontrar-se com seu Deus, sua missão está cumprida. Até mesmo a providência deixa de atormentá-lo. Em suma, o que possibilitou essa forma de fazer as coisas foi o próprio capitalismo. O personagem de Defoe não é proletário, nem tampouco representante das classes decadentes da Europa. Ele reúne em torno de si características que o identificam, na maioria das situações, a um típico capitalista. Vejamos.

Primeiramente, Robinson Crusoe, é um comerciante que, embora enfrente as vicissitudes da atividade - vista como aventureira, posto que sem a proteção de seu pai - chega ao final das suas viagens com significativos lucros, quando não, exuberantes, os quais o romance deixa implicitamente justificados não só pelas adversidades enfrentadas, mas também pelo espírito inovador e empreendedor do personagem. Lucros e vantagens mesclam-se com as adversidades e são constantes durante a aventura. Até mesmo quando não há um resultado direto de seu esforço, como quando por força de contrato suas terras no Brasil ficam-lhe rendendo. É marcante mesmo que o

contrato celebrado com seus vizinhos tenha sido tão vantajoso e que a ele não tenha cabido nenhuma perda ou prejuízo; aliás, o naufrágio lhe foi contabilmente benéfico, tanto porque desobrigou-lhe de qualquer indenização pela tarefa não cumprida, como por ter significado o "capital inicial" para seus projetos no isolamento.¹⁰

Para Ian Watt (1990, p. 70), a ilha

e o estoque retirado do navio constituem os milagres que fortalecem a fé dos partidários do novo credo econômico. (...) O naufrágio (...) permite a Defoe apresentar o trabalho solitário não como uma alternativa para a sentença de morte, mas como uma solução para as perplexidades da realidade sócio-econômica.

A valorização do trabalho, em oposição a qualquer tipo de ociosidade, é feita, no romance, com duplo sentido: (a) como forma de reprodução, assim como seria em qualquer outra situação inserida num sistema geral de relações que obrigue cada um a exercer uma função e, no caso, a que lhe resta é a de criador e agricultor, até mesmo após possuir um criado; e (b) como um empreendimento, no qual verifica-se a associação de instrumentos, matérias-primas e natureza a ser vencida, além do trabalho. Vários de seus feitos demonstram esse último aspecto: seja construindo sua fortaleza, seja construindo a resistente canoa para dezesseis homens, ou mesmo fabricando utensílios domésticos e instrumentos de trabalho. De semelhante maneira ocorre a atividade de Robinson, quando retorna à ilha, com imigrantes e recursos para desenvolver a colônia. Essa atitude empreendedora é a que vai contribuir, mais tarde, para o sucesso das revoluções agrícola e industrial.¹¹

A idéia de progresso está presente em várias situações do romance. Demonstrando, por exemplo, a necessidade da evolução técnica que possibilita a fabricação do pão; ou, os vários estágios de desenvolvimento da ilha até a etapa da colonização; ou, mesmo, comparando as civilizações chinesa, européia e americana. Neste último caso, o personagem faz o seguinte relato, quando em viagem a Pequim:

(...) atravessando terras muito povoadas, mas pessimamente cultivadas, conforme pude verificar. A agricultura, a economia rural, a maneira de viver, tudo ali é primitivo e miserável, mau grado tudo o que se conta sobre a indústria do citado povo; seu orgulho é excessivo e só supera a pobreza, e de certo modo até ajuda o que chamo sua miséria. Quase diria que os selvagens da América, que vivem em um estado de nudez completa, são mais ditosos do que as classes trabalhadoras da China. (...) A empáfia dos ricos é incrível; sua mania é ter tantos escravos ou fâmulos quanto possam manter; e o que é o cúmulo do ridículo, depreciam tudo o que não lhes pertence ou lhes é estranho (p. 231).

Aí fica evidente a associação do progresso a uma forma de vida: a miséria ocorre junto ao orgulho do trabalhador e à empáfia dos ricos. Especialmente três aspectos ressaltam dessa narrativa: (a) além de demonstrar a diferença do nível de desenvolvimento, culpa a ostentação inútil, tanto dos pobres, como dos ricos pela situação de miséria; (b) opõe ao esbanjamento dos ricos, a necessária prudência que Cru soe demonstrou na administração de seus recursos; e, (c) por fim, o desprezo da civilização chinesa por qualquer coisa que lhe seja estranha revela-se, de modo

¹⁰ Além de funcionar como representação, está aí contido um fato que Marx chamou atenção: "A produção de um indivíduo isolado - uma raridade que pode muito bem acontecer a um homem civilizado transportado por acaso a um lugar selvagem, mas levando consigo já, dinamicamente, as forças da sociedade - é uma coisa tão absurda como o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vivam juntos e falem entre si" (op. cit., p. 4). Isto quer significar que juntamente com Cru soe, estava uma parcela da sociedade civilizada, tanto como matérias-primas beneficiadas e instrumentos, bem como pelo seu conhecimento, acumulado pelas gerações anteriores.

¹¹ Phyllis Deane retrata muito bem o fato de que, entre os classicamente conhecidos aspectos importantes, o progresso industrial da Inglaterra deveu-se também a uma "revolução" de iniciativas empreendedoras, que nem sempre primavam pela aplicação da ciência na evolução fabril. Faziam efeito pelo conjunto de iniciativas, às vezes comunitárias e de grande porte, como no caso do que ele identifica como *frenesi dos canais*, em prol de uma localidade, ou pela concorrência de iniciativas, como no caso da indústria algodoeira (*A Revolução industrial*, 1973, p. 94 e 98, 105-121).

implícito, também como responsável pela estagnação.¹²

Daniel Defoe desenvolve no romance a idéia de que a obtenção do progresso só pode ser alcançada com disciplina. A narrativa tanto demonstra a rotina e organização quase perfeita que Robinson levou adiante, como também retrata o retrocesso que ocorria aos ingleses que haviam ficado em sua ilha como punição, por serem indisciplinados para o trabalho. Em síntese, o autor não só valoriza a dedicação ao trabalho, como muito mais: a disciplina e a organização necessárias para o mesmo. Num sentido oposto, desvaloriza a disciplina da velha ordem, razão que moveu o personagem à fuga e que o fez criticar a civilização chinesa.

Essa visão não é nenhum despropósito e coaduna-se bem com as necessidades do período, de uma nova moral. Conforme Weber (1979, p. 227), "para o ascetismo, era tão odiosa a elegante despreocupação senhorial como a ostentação do novo rico; enquanto a figura austera e burguesa do *selfmade man* lhe merece toda sorte de glorificações."

Essa imagem de austeridade é transmitida na reprovação do comportamento dos três ingleses, e Defoe os coloca, então, em situações de humilhação frente aos espanhóis, quando imploravam por comida. Nesse sentido, Robinson sai vitorioso de sua aventura, por ter sobrevivido - é um de seus triunfos, que só ocorre por ter sido austero no consumo e prudente em seus demais atos. Note-se, inclusive, que quando o personagem não utiliza essas duas virtudes é justamente quando lhe aparecem as adversidades, quando, por exemplo, compra um navio de piratas sem manifestar nenhuma desconfiança e, então, passa a ser perseguido, ou quando adquire um camelo antes de tê-lo visto, acabando por perdê-lo, antes mesmo de tê-lo recebido. Mas em geral, Crusoe demonstra ser econômico nos seus gastos, a não ser que estes representem bom retorno. Isso não ocorre com o dinheiro que deixa em mãos da viúva do capitão português, que lhe retoma a exata quantia deixada como garantia, como se ele tivesse deixado seu capital num banco; ao contrário, quando investe em sua colônia - sua ilha (o que a princípio pode nos levar a imaginar que o personagem o faz por nostalgia e amizade), o resultado revela-se como um seguro retorno de investimento:

(...) dei por meio da citada escritura aos colonos e seus herdeiros, o gozo e propriedade completa de seus cercados e lavouras respectivas, reservando para mim a posse de todo o resto da ilha, e pela plantação de cada colono, um determinado imposto foreiro, que me devia ser pago onze anos depois, ou a mim ou a quem, por mim indicado, o reclamasse em meu nome (p. 272).

A figura do capitalista ganha evidência nesse ponto da história, faltando apenas completá-la com a relação social necessária para que a representação se torne plena: o trabalho assalariado. Note-se que, enquanto sua ilha esteve no estágio predominantemente não civilizado, mas natural, apesar de toda a luta travada por Crusoe pela dominação da natureza e do selvagem, a relação social encetada foi escravista. Quando, porém, volta à ilha com o intuito de colonizá-la, o faz de maneira capitalista, inaugurando a propriedade privada e criando uma sociedade civil - de classes. Assim narra:

Uma particularidade que não devo omitir é que, estando a ilha constituída em uma espécie de república, onde sempre havia alguma coisa para fazer, era bastante singular que se deixassem trinta e sete índios na inatividade, num recanto perdido da ilha. De fato, salvo o cuidado de prover a própria subsistência, aliás bastante penoso, não tinham outra classe de trabalho a que se dedicar, nem propriedades a cuidar. Propus, portanto, que o governador espanhol fosse a eles com o pai de Sexta-Feira e lhes perguntasse se queriam separar-se e amansar terras por conta própria, ou se preferiam trabalhar entre os colonos como criados e assim ganhar a vida trabalhando, sem serem escravos, pois eu não quis permitir sob nenhum

¹² Daniel Defoe e seu personagem desprezam plenamente a civilização chinesa, por causa da ostentação e do orgulho, mais ao modo da velha ordem, não reconhecendo nem mesmo três elementos muito úteis na odisséia das descobertas científicas chinesas: o papel, a pólvora e a bússola; talvez pelo fato de não fazerem parte da época moderna. Quanto ao aspecto levantado sobre o desprezo por coisas que não se relacionem com a sua civilização, Paul Kennedy retrata ter sido a proibição da construção de navios de alto-mar, como forma de proteger as fronteiras setentrionais, um dos fatores que estagnou o desenvolvimento daquela civilização e lhe criou o hábito de ficar de costas para o mundo (*Ascensão e queda das grandes potências*, 1989, p. 17).

pretexto que fossem submetidos à escravidão. A liberdade lhes tinha sido assegurada em virtude de uma capitulação, a nenhuma das condições, mediante as quais se renderam, devia ser violada (p. 272).

Nesse momento Robinson Crusoe, como legítima autoridade, implanta na ilha a liberdade burguesa. Ninguém mais passará a ser dono ou senhor de outrem, a não ser apenas a possibilidade de trocar a sobrevivência e reprodução social - "ganhar a vida" é como fala - por sua força de trabalho. Eis a condição que resta para quem não é proprietário de meios de produção, nem possui capital, como no caso desses trinta e sete índios. A liberdade desses foi trocada pela original condição de selvagem e, isto posto, sobrava aos mesmos a condição civilizada. E de que modo? A eles é oferecida a individualidade, uma propriedade isolada e a produção separada de suas subsistências ou, então, melhor, a possibilidade de permanecerem como grupo - ao que culturalmente estavam habituados -, tornando-se empregados. Ficava abolido naquele momento o estado natural. Sendo esta a alternativa mais fácil de ser assimilada por culturas que não podiam ainda imaginar. O que seria uma cerca, Daniel Defoe, com perspicácia, identifica o trabalho de criado como menos penoso do que a produção de subsistência. Ah, se todos os capitalistas daquele século tivessem índios "inativos"¹³, a vontade para os resgatarem quando deles necessitassem, teriam sido mais humanitários e não teriam recorrido ao trabalho de crianças.

Daniel Defoe age, tal como Locke e Rousseau, identificando o novo estado - a sociedade civil, em oposição ao estado natural - à sociedade capitalista. A arquitetura de seu romance é, inclusive, mais perfeita nesse aspecto, do que, por exemplo, sua atenção a aspectos geográficos.

Mas um fato ressalta claramente: a hegemonia do contrato.¹⁴ A maioria das relações do personagem com outros civilizados realiza-se contratualmente. Marx observa que a relação entre os indivíduos independentes da sociedade burguesa baseia-se no direito, em oposição às relações fundadas no privilégio, entre os homens do estamento.¹⁵ Logo, é natural que assim se procedesse, já que está completamente separado e independente. Além da hegemonia, também há predominância do respeito ao que reza o contrato. Quando Robinson nega o pagamento pelo camelo não recebido, vê-se obrigado a cumprir o trato inicial.

Ao contrário, o que vai estar presente só quando a relação capitalista chega na ilha é o plano específico da política, mais ao modo da sociedade burguesa. Num trecho do romance, Robinson relata a um príncipe russo o seu poder, que é particularmente elucidativo nesse último aspecto:

Interrompi-o dizendo que eu havia sido um soberano mais poderoso e absoluto do que o tzar, embora meus domínios não fossem tão extensos, nem meus vassalos tão numerosos como os dele. (...) Então lhe disse que tinha poder absoluto sobre a vida e propriedade de meus vassalos e que, todavia, não tivera em todos os meus estados um único inimigo do meu governo (p. 347).

Estas palavras de Robinson são ditas logo após a descrição "de um país bárbaro" (sic), onde réus de Estado eram enviados à beira do oceano Glacial. A leitura do romance, na verdade, revela que o método de dominação utilizado por ele é a dissimulação. Em outro trecho, contestando a brutalidade com que seus conterrâneos tratavam seus escravos, diz o personagem:

Seus amos não se portavam com eles como eu fazia com Sexta-Feira: primeiro, mostrar que lhes deviam a vida e depois inculcar-lhes sábios preceitos de boa conduta, de religião, e dedicar-se a civilizá-los e captar sua estima pelo bom trato e atitudes afáveis (p. 217)

Completa-se aí a argumentação de toda sua contrariedade às formas diretas de exercício do poder como no absolutismo e no escravismo, pelos quais ele próprio havia passado. Era mesmo na Inglaterra pós-revolução de 1688 que a burguesia passava a elaborar leis que remetiam a um ente

¹³ É interessante observar que o conceito de inativo aparece apenas nesse momento de domínio da relação social capitalista. O termo é próprio da economia capitalista, assim como os de superpopulação relativa (Marx, liA lei geral da acumulação capitalista, em *O Capital*, 1968, pp. 743-752).

¹⁴ Coincidentemente, Locke defendia a celebração do contrato até mesmo no estado natural (Cf. Watt, op. cit., p. 58).

¹⁵ Karl Marx, *La sagrada família*, 1959, p. 37.

inatingível - o Estado político - o poder supremo e mediador. Para Marx, a constituição de um Estado político e a dissolução da sociedade burguesa nos indivíduos independentes efetuam-se num único e mesmo ato.¹⁶ O homem pertencente à sociedade civil é um homem não-político, real e natural, enquanto o homem político é uma abstração, uma representação e uma moral. Dessa forma, a relação política que o capitalismo implanta é completamente dissimulada pelo fato de impor a ordem de uma forma abstrata e impessoal.

Após ter construído essa trajetória e culminar na superioridade da relação política que se construía naquele período da história da civilização, restava a Defoe, como bom inglês, apenas demonstrar a superioridade de sua pátria para tal projeto.

Os pensadores do século XVII ao século XIX imaginaram que a civilização havia então atingido a idade da razão. Marx afirma que "com esta formação social termina pois, a pré-história da sociedade humana"¹⁷. Além disso, os processos revolucionários da Inglaterra e, depois, da França, bem como o desenvolvimento das forças produtivas do cenário europeu, indicavam-lhes que fora desse ambiente havia muito ainda que percorrer para chegar-se a tal patamar. Essa idéia perdurou até o período em que as condições da sociedade capitalista aguçavam-se e fazendo mesmo com que marxistas como Lênin defendessem a prioridade da luta proletária nos países mais desenvolvidos da Europa e da América do Norte.¹⁸

Isso fica claro ao longo do romance, no qual se constrói a visão de que os ingleses estariam predestinados a expandir a civilização. Nada mais, porém, que a própria necessidade do capitalismo inglês. Robinson deprecia hábitos e costumes dos mouros, dos chineses, dos russos, colocando-se sempre em posição vantajosa, tanto no aspecto técnico, como no cultural. E faz com que outras nações européias reconheçam isso:

Disse-me que era admirável que os ingleses tivessem mais presença de espírito em suas adversidades do que qualquer outra criatura dentre todas as que tinha conhecido. Sua infortunada nação (a Espanha), dizia, e a dos portugueses, eram as piores do mundo para lutar contra os reveses da sorte, pois suas primeiras medidas quando estavam em perigo eram sempre desesperar-se à morte, sem estimular e procurar o remédio apropriado para evitar o perigo (p. 245).

Tal superioridade é, em boa medida, associada ao protestantismo, às vezes frente à idolatria, outras, frente ao catolicismo. Para o personagem, o que não era cristianismo, era simples idolatria e, no interior do cristianismo, o protestantismo aparece como uma religião sem pompas nem notoriedades, prudente, austera, generosa. Aliás, o autor projeta o triunfo do personagem após a sua conversão religiosa, a sua auto-reflexão moral. O protestantismo considerava a Inglaterra o seio da verdadeira igreja, não encontrada em nenhuma outra parte do mundo, "e um reconhecimento análogo dominava todo o sentido da vida da burguesia puritana, que via-se como possuidora de conduta irreprovável pela graça de Deus, determinando o caráter formalista, austero e correto próprio dos exemplares representantes daquela época do capitalismo" (p. 223).

IV

A aventura e o triunfo de Robison Crusoe, articulados a uma coleção de novos valores, formam um pensamento coeso que veio de encontro à velha ordem econômica e social da época. O individualismo ressaltado desde Marx, uma ética do trabalho - muito mais importante do que uma nova ética religiosa -, e a justificativa de que a civilização é responsável e pré-destinada a cumprir essa tarefa - pelo desenvolvimento material e pela evolução, constituem, entre todos, os aspectos fundamentais do livro. Libertar-se do senhorio, produzir para dar sentido à sobrevivência e gerar o progresso definiram-se como força poderosa para alterar a tradição. Começava, com o personagem criado por Defoe, o discurso moral e popular do moderno modo de produção - o capitalismo. A contribuição do romance foi significativa. E ainda demonstra que precisamos de novas aventuras.

¹⁶ Marx, op. cit., nota 42, p. 37.

¹⁷ Marx, Karl. Contribuição à crítica da economia política, 1946, p. 32.

¹⁸ Lênin, V.I, citado por Leopoldo Mármora, *La segunda internacional y el problema nacional y colonial*, 1978, p. 39.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- BOURDE, A.J. **Histoire de la Grande Bretagne**. Paris: PUF, 1961.
- CHEVALLIER, J-J. **As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias**. São Paulo: Agir, 1986.
- DEANE, Phyllis. **A revolução industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- HOBBSBAWM, Eric. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- KENNEDEY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Difusão Cultural, 1963.
- MÁRMORA, Leopoldo (org.). **La segunda internacional y el problema nacional y colonial**. Cuadernos del pasado y presente. n!! 73, México, 1978.
- MARX, Karl. Para a crítica da economia política. In: **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- _____. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Flama, 1946. _' O Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **La sagrada família**. México: Editorial Grijalbo, 1959.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe; escritos políticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- MOUSNIER, R. Os séculos XVI e XVII. In: **História geral das civilizações**. Tomo IV. São Paulo: DIFEL, 1960.
- PRAMPOLINI, Giacomo, **Storia universelle della letteratura**. Torino: Torinese, v. IV, 1950.
- ROUSSEAU, J-J. **Do contrato social**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- TIEGHEM, Paul V. **Histoire littéraire de l'Europe et de l'Amérique de la Renaissance à nous jours**. Paris: Armand Colin, 1951. WATT, Ian. A ascensão do romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- WEBER, Max. **La ética protestant y el espíritu del capitalismo**. Barcelona: Península, 1979.